



Le ne fay rien  
sans  
**Gayeté**

*(Montaigne, Des livres)*

Ex Libris  
**José Mindlin**



1

2



ETHNOLOGIA SELVAGEM

---

ESTUDO SOBRE A MEMORIA  
REGIÃO E RAÇAS SELVAGENS DO BRASIL  
DO

*Dr. Couto de Abayathães*

POR  
SYLVIO ROMÉRO

---

RECIFE

TYP. DA PROVINCIA. RUA DO IMPERADOR N. 77

---

1875





**ETHNOLOGIA SELVAGEM**





# ETHNOLOGIA SELVAGEM

---

ESTUDO SOBRE A MEMORIA

—REGIÃO E RAÇAS SELVAGENS DO BRASIL—

DO

Dr. Couto de Mayalhães

POR

SYLVIO ROMÉRO



RECIFE

TYP. DA PROVINCIA. RUA DO IMPERADOR N. 77

1875



## ADVERTENCIA

---

Este pequeno escripto foi composto em Dezembro do anno passado, e publicado no semanario---*A Escola* desta cidade sob a epigrapha---*Um Ethnologo Brasileiro*.

Sahi reproduzido no jornal o *Globo* do Rio de Janeiro, a pedido do autor, em os ns. 3, 10, e 15 de Junho deste anno. Logo após a publicação, naquella capital, de sua primeira parte, o Sr. Dr. Couto de Magalhães fez inserir no mesmo jornal o seguinte artigo ;

### UM ETHNOLOGO BRASILEIRO

« Com este titulo o Sr. Dr. Sylvio Roméro encetou hontem no *Globo* a publicação da analyse que fez da minha imperfeita memoria relativa aos selvagens do nosso paiz, analyse que eu já tinha tido a satisfação de lêr em parte, em um jornal do Recife.

Agradecendo ao joven escriptor o ter tomado em attenção, não o livro, mas o assumpto, cuja importancia scientifica é das mais elevadas, e que infelizmente tem sido pouco cultivada em nosso paiz, eu lhe prometto que o hei de acompanhar na discussão

do assumpto desde que elle tenha concluido a sua analyse, si trabalhos de outra natureza m'õ não impedirem.

Ha, em questões de ethnographia, um ponto para mim nimiamente importante, e é o de saber-se se a lingua *tupi* conserva qualquer vestigio do sanscrito.

Eu disse ligeiramente na minha memoria---que não. Quando fallo em sanscrito, entendo que o vestigio pôde ser provado---quer pela identidade das raizes, taes quaes ellas se encontram na velha fórma ( que eu não conheço ), quer pela identidade das fórmas modernas, que eu conheço em algumas das actuaes linguas da Europa.

Quando eu escrevi a memoria, não conhecia senão uma forma das raizes tupis, era a fórma austral. Dahi para cá, porém, eu tive occasião de familiarisarme com o tupi do norte, em cuja lingua eu me posso exprimir com alguma facilidade; recolhi textos de mythos originaes em dous dialectos, e por isso disponho de materiaes muito mais completos do que os de que então dispunha.

O estudo sobre esses novos materiaes confirmou as minhas convicções, e logo que eu disponha do necessario tempo, hei-de entrar nessa discussão com muito prazer. »

Como se vê, era a promessa a mais franca e sympathica de uma resposta.

O auctor, entretanto, esperou e espera ainda pelo comprimento daquelle empenho tão benevolo. Ainda no Rio de Janeiro, em sua ultima estada alli, elle dirigiu ao seu illustre contradictor, por occasião de retirar-se, a seguinte carta :

« Illm. Sr. Dr. Couto de Magalhães.--Tomo a liberdade de dirigir-me a V. S., participando-lhe que amanhã (10) pretendo retirar-me para o Recife. V. S. de prompto comprehenderá que, dest'arte, cumpro para com V. S. um dever de lealdade e de gratidão; lealdade, por testemunhar-lhe assim que a critica que tive a honra de escrever e publicar sobre o seu livro a respeito das *Raças Selvagens* do nosso paiz não foi um estudo caprichoso, e, antes, muito sincero; gratidão, por ter eu de facto ficado summamente penhorado á maneira delicada e honrosa por que prometteu ao publico responder-me. Mas como V. S. não o tem feito até a presente dacta, sem duvida por causa de suas muitas occupações, eu tenho a honra de participar-lhe que lá mesmo no Recife tomarei na devida consideração a resposta.

Ser-me-ha muito agradavel o ter a occasião dever esclarecidos, por meio de uma discussão regular, os pontos de ethnologia, que se apraz em declarar de *nimia importancia*, e sobre os quaes tenho duvidas tambem.

Termino pedindo que haja de enviar-me para

Pernambuco a sua resposta, o que será um grande favor a que ficar-lhe-hei grato, como o estou pelo modo delicado e honroso porque tratou-me. Assigno-me com a mais subida consideração de V. S. etc. etc.

Rio, 9 de Julho de 1875.»

Até hoje a refutação do Sr. Dr. Couto de Magalhães ainda não sahiu e o auctor publica em folhetos o seu imperfeito trabalho para melhor facilitá-la. Vae muito alterado no sentido de tornal-o mais completo e sobretudo mais claro, para que o nobre ethnologo não continúe a suppor, como parece, que neste escripto se acredita na filiação aryana do tupi.

A exemplo do livro, que analysa, onde se lê um appendice relativo á posição das tres raças que formaram a base principal da população de nosso paiz, o auctor junctou-lhe um *appendice* sobre o mesmo problema.

E' um artigo escripto em 1871 e publicado desde esse tempo. E' um assumpto mui pouco explorado entre nós, e o auctor dar-se-ha por bem pago, si, por qualquer fórma, houver contribuido para o seu esclarecimento.

Recife, 22 de Agosto de 1875.

---

# ETHNOLOGIA SELVAGEM

---

Quem não terá noticia das curiosidades que sobre os indigenas, ainda ha poucos annos, de toda a parte nos assaltavam?

A palavra *curiosidades*, que ali fica, não exprime de modo algum que scientificamente descobertas nos tenham sido reveladas; refere-se ás abundantes inutilidades que então apanhavam-nos por todos os lados.

O romanticismo inane, desconhecendo a primeira palavra de investigações positivas já muito espalhadas, multiplicou as extravagancias, e fez-nos do caboclo um ente formidavel e ridiculo!

Entretanto, lá fóra, nos Estados-Unidos por exemplo, elle não era mais assumpto de poesia; entrara plenamente no dominio da sciencia.

Nós outros por toda a verdade tinhamos as exquisitices dos *dilettantes*, e as innocencias dos *Selvagens do Brasil perante a historia!* O poeta que escreveu esta memoria, encomiada ainda hoje, adiantara a serie dos trabalhos analogos, entre os quaes destacam-se as paginas do *Brasil e a Oceania* de um outro não menos complacente e apaixonado. Esses escriptos até agora ficaram impunes e dominam ainda a quasi totalidade de nossos litteratos. Os enganos por estes produzidos dão a prova; e é para notar que o primeiro motivo debatido, isto é, o da inspiração indiana de nossa poesia, não tenha feito o mais leve progresso, e as cousas continuem no mesmo pé em que se achavam. Na primeira lauda de nossa vida pensante, neste seculo, está inscripta essa questão e é muito dubitavel que se encontrem seis

peessoas que lhe saibam do resultado. Nem a poesia levantou-lhe uma obra duravel que lhe assegure titulos de nobreza; nem a critica deixou um livro, um artigo sequer que lhe trouxesse a luz.

A *indio-mania* cresceu por fatalidade e acabou por inconsciencia. Vulgarisou ideias incorrectas sobre os aborigenes que a sciencia não corregiu entre nós. Essa poesia sublime de que eram dotados, sua meia civilisação tão promettedora, a theologia fecunda resultado de suas cabeças bem formadas, todos estes levianos avanços para o erro, estão por ser desfeitos para este paiz.

Os grandes estudos anthropologicos e a critica religiosa desfizeram as trevas sobre aquellas inexactidões entre os que sabem pensar, e é bem certo que o seu echo não chegou até cá!

Si não temos ideias seguras sobre a maior parte das inquietudes da sciencia contemporanea, não nos é licito á nós americanos, admiradores do tapuio, continuar a ser a nação mais atrasada sobre aquillo que constitue o nosso maior enlevo! E esta é a verdade. Aqui na America mesma, ha muito, as cousas mudaram de aspecto.

Os trabalhos de Morton, Nott e Gliddon, de Stephens, Haven e Mayer, de Hartt, Maury e Fidel Lopes,---adjunctos aos de Brasseur de Bourbourg,---indicam que outro já é o rumo por onde cumpre caminhar.

Mas é exacto que o patrio juizo sente-se agora tomado de enjoo sobre este ponto; não é que achasse o segredo do assumpto e elle tivesse perdido o encanto a seus olhos. Sem um motivo grandemente racional, sem uma refutação inconcussa, o caboclo foi desaparecendo das lettras e hoje nem todos sabem onde elle se achará! --- O espirito publico molestou-se de ser levado para o absurdo, e voltou-se para outra parte sem um movel determi-



nado, somente pelo instincto da verdade. Ainda esta não foi-nos no todo annunciada scientificamente.

Nem o opusculo de que dou conta mostra esse character em mui alto gráo. Sem duvida o seu auctor quiz encarar o selvagem pelo moderno methodo e com as novas ideias; de certo ainda elle se mostra abalisado para o trabalho que apprehendeu. O seu livro não é, porém, um producto acabado, nem até um estudo convenientemente dirigido.

Pela leitura da monographia do Sr. Dr. Couto, e somente por ella, ficar-se-hia ainda muito perto do antigo terreno das velhas noções.

Não é menos exacto que, para julgal-a, é preciso conhecer um pouco mais do que aquillo que constitue a provisão de algumas classes que se julgam muito adiantadas em nosso paiz. Sem uma posse assás elevada dos ultimos avanços do espirito no dominio da anthropologia e da linguistica, da critica mythologica e religiosa---é um pouco arriscado pôr a mão em cima do livro de que fallo.

Seu nobre auctor ha-de ter lido as extravagancias, que a seu respeito, appareceram de varios pontos do paiz, e se deve ter encommodado. Alguns elogios traçados por quem evidentemente nada entende do assumpto, alguns palavrões grotescos por quem julga que a *phrase* desenchabida é a *ideia*, devem-lhe ter deixado uma impressão desagradavel. Não é para menos. Quem publica um livro para o qual despendeu grandes labores, quem atira á luz o resultado de um estudo reflectido e recebe o juizo desponderado do *folhetinista* esteril tem estimulos para deixar de escrever em sua terra.

Não sei o que será mais proprio para dar a prova do estado pouco lisongeiro da vida intellectual dos brasileiros, si os raros phenomenos isolados de um ou outro producto no terreno da sciencia sem côr e sem vida, ou se os juizos, as sentenças ab-

solutorias que arrancam do jornalismo atrasado. Este ultimo symptoma parece do maior interesse para o diagnostico. Mas é tempo de abrir o livro do Sr. Dr. Magalhães.

## I

Começa por umas paginas em que o escriptor depoz as suas observações e reminiscencias de viajante. São de algum alcance para a geographia; acho-lhes um certo ar de nobreza que faz amar as regiões de que nos fallam.

São pouco abundantes e o auctor é benemerito das letras por ter poupado um grande sacrificio ao seu leitor. Quero fallar da abstinencia que fez de toda a poesia impertinente, dos desvarios romanticos com que outro teria posto em prova o seu sabor de meridional.

De certo, descrever sertões, fallar das serras, das mattas em que o selvagem se agita, e não soltar as redes ao corsel das musas é uma dignidade que qualquer nacional não mostraria. Não é que o comedido auctor não tivesse de longe em longe as suas tentações que bem se deixam presentir...

A parte geographica do livro não é fertil em grandes descobertas, nem tal ha sido o proposito principal da empresa; comtudo é a mais forte.

Descendo pelos asserptos geologicos e gradualmente, pelos anthropologicos e linguisticos é licito parar aqui e acolá, fazendo algumas ponderações que a leitura desperta. Tanto quanto um espirito educado em uma de nossas Faculdades de Direito, sem estudos altamente especiaes, pode se achar em dia com as questões que o assumpto requer, o nosso escriptor se acha.

Uma de suas theses estimadas é a de crusamentos pré-historicos de nosso caboclo com alguma raça branca.

Não é nova; mas eis o que elle nos diz: «... existindo nas raças indigenas do Brasil vestigios de antigos cruzamentos com o branco, sobretudo, entre os que fallam a lingua tupy, e não existindo nessa lingua os vestigios do sanscrito que se encontram no quichúa, segue-se que a raça branca aryanana que com os Incas cruzou o tronco vermelho do Perú e America Central, não foi a que cruzou com os nossos selvagens.» (1)

Este periodo encerra tres pequeninas inaccurações. « Não se encontram vestigios do sanscrito... » O auctor sempre que, referindo-se a Fidel Lopes, tem de fallar de misturas de linguas aryanas com o quichúa, ao bico de sua penna só chega o vocabulo *sanscrito*, como se as linguas aryanas fossem somente aquella. O escriptor platino em seu estudo de *philologia comparata* não se limita a mostrar o parentesco da lingua dos Pirhuas só com o dialecto dos Vedas. Si o fizesse seria, pelo menos, incompleto. Elle não se esquece do zend, do gothico, do grego, do latim, e até do irlandez, do saxonio, do lithuanio e do moderno allemão e inglez a par do sanscrito.

«...que com os Incas cruzou...» O emprego exclusivo do termo *Incas* quando falla dos antigos habitantes do Perú não parece muito explicavel.

O philologo lembrado nunca usa de semelhante palavra para expressar as raças peruanas; em seu livro são abundantes---Quichúas, Pirhuas e Purhuas e não *Incas*, que foram uma dynastia e a ultima de todas.

«... do Perú e America Central...» Não! as raças do Perú foram mui diversas das da America Central. O nosso auctor parece que não leu bem o Fidel Lopes; de outro modo, teria notado a lucta que elle abre com Brasseur de Bourbourg sobre a ceguei-

(1) Pag. 56.

ra que tem este de transportar as ideias do Mexico e da America Central para o resto do Continente!

Aquelle periodo não contém somente os tres descuidos apontados que indicam a pouca destreza do escriptor no manejo do assumpto.

Um ponto decididamente exquisito é este: «... a raça branca aryana que com os Incas crusou o tronco vermelho do Perú...» Si o ethnologo brasileiro admite, como altamente o faz, a realidade de um ramo de população branca mesclado ás tribus selvagens do Perú, outro não foi sinão este mesmo dos Incas que não passaram, como ficou notado, de ultimos chefes da velha raça dos Quichúas.

Parece que nunca será determinada a verdade sobre as emigrações pre-historicas das raças peruanas; mas é mister algum esquecimento para fallar de Incas como de uma *nação*, e esta aparte.

Não é tudo. «... não foi a que cruzou com os nossos selvagens...» E qual seria esta? Não existe quem ignore que a ethnologia, a philologia e a sciencia das religiões entre as raças superiores só duas grandes familias brancas reconhecem:--- a aryana e a cuschito--- semitica.

Não foi um ramo qualquer aryano que por aqui passou, pois a lingua *tupi* não mostra vestigio algum das linguas indo-germanicas.

E' o que sustenta o Sr. Dr. Couto. Perfeitamente; mas ha-de convir tambem que não foi nenhuma das familias semiticas, porque o *tupi* não tem parentesco algum com o hebreu, o arabe, ou qualquer outra lingua do mesmo grupo.

Os que não se acham em estado de resolver directamente si entre as tribus selvagens brasileiras existem amostras de um crusamento pre-historico com o branco, porque nunca andaram pelo grande *araxá* central, onde fervilha a grei cabocla, admittindo com o illustre viajante esse facto não vejo que

outra sahida possam ter para o problema sinão essas mesmas raças arianas que, dizem, se estabeleceram no Perú. E si os vestigios que na lingua ficaram são raros, é devido á pequena escala em que, talvez, se dera o acontecimento.

O monographista diz que na lingua tupi não se deparam vestigios do sanscrito; mas declara bem alto que para a convicção nos resultados a que chegaram o philologo do Prata, Nodal e Brasseur *basta saber ler.* (2)

Julgo ser isto muito pouco, pois o nobre escriptor, si houvesse pensado mais, teria se recordado que na grande obra *Les Races Aryennes du Pérou* se leem cousas assim: « Le nom que les tribus émigrantes donnèrent á leur nouvelle patrie fut Péru. Péru, en effet, veut dire en *sanscrit* l'orient, la mer, le soleil, les montagnes d'or; et désigne par consequent le pays situé à l'est de l'Inde, avec tous ses caractères principaux. Aussi le même radical se recontre---t-il plus au moins corrompus sur tous *les points du continent sud-américain*: Paraguay ou Para-huay, Veragua, Beragua, Beragua ou Pera-hua, Paria, Parina, *Brasil* ou *Para-sil* etc. » (3)

Podera-se lhes junctar: Pará, Paraná, Parana-guá, Paraguassú, Parahyba, Pernambuco e cem outros.

Como explica o illustre ethnologo a presença de um radical sanscrito, segundo o auctor invocado, em nomes de paizes onde se fallou o tupi ou guarani e não o quichúa? Ainda não basta.

Diz mais o notavel livro: « Comme expression de lumière créatrice, elle (a raiz *top, tap, tup*) entre dans une série de nous royaux et natiaunaux: Tupa-k --- Amaru, Tupa-k --- Yupanki, Tobas, *Tupis* et

(2) Pag. 40.

(3) Pag. 336.

mille autres que se donnent les tribus et les chefs de l'Amérique.» (4)

O nosso auctor, que conhece o tupi, deve saber que nesta lingua entra muito a raiz em questão, bastando lembrar-se das palavras *tupau*, *taba* e até do proprio nome da raça *tupi*!

O caso é para lançar na perplexidade o mais sereno dos espiritos. Quer parecer que si o auctor das *Races Aryennes du Pérou* applicasse o seu methodo ao guarani e ao tupi transformava-os, de prompto, em ontras tantas linguas ariacas.

Me parece que as affirmações tão cathgoricas a que elle chegou não devem ser tão facilmente admitidas, como o declara o philologo brasileiro. O avassamento em abusar de certos processos linguisticos como methodo scientifico tem contribuido para o descredito dos estudos americanos a par do celebre *Livro dos Selvagens*. (5)

Subscrovo de boa mente estas verdades proferidas por um naturalista.: « Les systèmes édiés de toutes piécs á l'aide des données de la linguistique, qui ne servent trop souvent qu'à prouver que ce que l'on veut et qui ne peut révéler ni la distance des temps ni la nature des événements qui ont produit les résultats constatés, ont souvent inspiré une légitime défiance. »

Por haver encontrado algumas semelhanças entre as linguas e doutrinas do Mexico e de Guatemala e os indiommas e ideias indo---européas o abbade Brasseur foi achar naquelles paizes a sonhada origem das civilisações. Para o bom francez o Yucatan é o principio da vida, a grande origem, alguma cousa de ana-

(4) Pag. 130.

(5) Veja-se um artigo de Maxcetiéles sobre o Popol-Vuh do Brasseur em o seu livro — *Essaios Sobre a Antiquidade das Religiões*.

logo á *nebulosa* de Laplace, com que conta explicar as transmutações do pensamento. Até o velho Egypto, a pátria do copta---esse martyrio dos philologos, lhe deve os seus mysterios!... E' demasiado.

O platino encontra arianos por toda a America do Sul; felizmente existe o Sr. Dr. Couto de Magalhães para conter-lhe os exaggeros.

Não deve eximir-se, comtudo, da obrigação de explicar a origem *sanscrita*, entre outras, das palavras *Brasil e tupi*.

Ou deixa de crer, tão amplamente, na theoria dos philologos, que cita, sobre as linguas americanas, que elles estudaram, ou chegará a acceitar que o tupi e o guarani têm tambem residuos dos idiomas indo---germanicos.---Mas, note-se, não creio que as duas linguas em questão sejam arianas; nem até que os povos que as fallaram estivessem, em remotas epochas, em contacto com as raças daquella origem. Aponto somente a inconsequencia do Sr. Dr. Couto de Magalhães em jurar nas palavras de Fidel Lopes e não admittir a origem *aria* de muitas expressões *tupis*! Elle é significativo em sua opinião, e declara o problema da mais instante importancia; da solução deste depende a segurança a respeito da origem dos selvagens que povoaram o Brasil, ou, ao menos, dos povos que com elles se entrelaçaram.

Por maior que seja o comedimento que deva conservar, declaro que não é licito a um conhecedor exacto da anthropologia do indigena brasileiro a simples lembrança do problema: si o tupi é uma lingua ariana. (6)

E' certo que a philologia, mal interpetrada e di-

(6) Fallo com as noções que actualmente possui a respeito das populações aborigenes do paiz, e em quanto alguma descoberta inesperada não me venha pôr em estaço de reformar minhas ideias. Recentemente os jornaes dão noticia de que o Sr. Dr. Antonio José Pinheiro Tupinambá vai publicar um li-

rigida, pode offerecer certas apparencias que tragam a confiança na vista contraria. Aquella sciencia, porem, não é só por si um guia seguro para a filiação das raças humanas. Os trabalhos caprichosos de Fürtz e Delitzsch, entre outros, pretendendo provar a irmandade das linguas semiticas com as aryanas, são um exemplo que não deve ser esquecido do que pode uma ideia systematica quando revestida de formulas e de argucias linguisticas. Com referencia ao tupi, qualquer philologo, um pouco exercido na arte do sophysma, levando o seu leitor a travez de arteficios, irá provar a sua inteira filiação ao grupo dos idiomas indo-germanicos.

Não será preciso grande esforço imaginativo, nem pôr em concorrência avultadas provas de enganosas ponderações.

O leitor poder-se-ha convencer de quão fundada é a suspeita diante de alguns especimens que lhe offereço. Não ha mister de ir muito longe para a cousa mostrar grandes visos de sua possibilidade; abram-se o *Glossario* de Martius e o *Vocabulario Ario---Quichua* de Fidel Lopes. Reparem-se nas raizes, affixos ou suffixos dos termos seguintes :

**Tupi****Sanskrit**

*Paraná* (ou *Pará*) max, chuva } *Plu, Plur*, ir, correr, chover, navegar. (Esta raiz tem derivados em R, e o tupi, como o quichua, intercala entre as duas consoantes uma vogal.)

*Tupan, tupana*, Deos, trovão } *Tap*, queimar, resplandecer, e (raio, luz.)..... } *Pa*, pai, protector.

vro que se intitula—*Analyse Philologica das Vozes Radicaes da Lingua Ario—Tupi ou Idioma Tupinambá*.—O tupi para este escriptor é uma lingua aryana; elle nos diz em seu prologo: “Para patentear as excellencias da lingua aborigene da minha patria, lingua inconvenientemente classifcada pelos



## Tupi

## Sangkr

<i>Neéng</i> , fallar, responder.....	<i>Nan</i> , fallar.
<i>Tatá</i> , fogo, lume.....	{ <i>Tap</i> , brilhar, <i>Tup</i> , <i>Túb</i> , ferir, roçar.
<i>Monháng</i> , fazer, obrar.....	{ <i>Mar</i> , pensar, executar, e <i>Vang</i> , ir.
<i>Maém</i> , attentar, (examinar). <i>Maenduacába</i> , pensamento...	{ <i>Man</i> , pensar.
<i>Ara</i> , dia, tempo, mundo..... <i>Aravá</i> planície alta.....	{ Tem a raiz que no latim formou— <i>arare</i> , <i>aratio</i> , <i>arator</i> , e no quichua— <i>Arakacha</i> , <i>aragua</i> , <i>ararihua</i> , com o Suff. <i>wa</i> ou <i>cha</i> do sanskrito <i>ka</i> , <i>kud</i> , altura, cume de montanha.
<i>Y</i> ou <i>Yg</i> , agua.....	{ <i>Ya</i> , agua, corrente; em quichua— <i>Yahu</i> .
<i>Jucá</i> , matar.....	{ <i>Ij</i> , acabar, derribar, derrotar e suff. <i>ca</i> ou <i>ka</i> de <i>kud</i> , prender, tomar.
<i>Puir</i> , afastar-se, retirar-se...	<i>Pat</i> , ir, marchar; <i>R</i> . ir, sahir.
<i>Acyqira</i> , pedaço.....	<i>Aç</i> , porção.
<i>Mirim</i> , pequeno.....	<i>Mir</i> , destruir; <i>Un</i> d'iminuir.
<i>Mitanga</i> , criança; (mamador)	{ <i>Matr</i> , alimentar, mamar. D'onde em latim— <i>mater</i> ; e em quichua— <i>mamani</i> , chupar, mamar.
<i>Apiaba</i> , homem, varão completo.....	{ <i>Ap</i> , ganhar, obter. D'onde em quichua <i>Apú</i> , chefe, senhor.

sabios entre as barbaras, porem que em *provarei pertencer á familia aryana e ser affim do sanscrito, grego...* Não é possível aquilatar desde já do merito de semelhante escripto. O auctor, pelo que se vê, pensa de modis diametralmente opposto ao Sr. Dr. Couto de Magalhães. Opino com este ultimo.

## Tupi

## Sanskrit

<i>Mendar</i> , casar, <i>mendara</i> , ma- trimonio .....	{ <i>Ma</i> , laço; união; d'onde— <i>Mand</i> , ornar. Suff.— <i>ar</i> , <i>ara</i> , muito com- mum no tupi e no sanscrito.
<i>Uira-pira</i> , arco de atirar fle- chas; <i>Uira</i> , flecha.....	{ <i>Vira</i> , vara, cana.
<i>Acanga</i> , cabeça, <i>acanga-ata- ra</i> , enfeite de cabeça.....	{ <i>Anka</i> , ornamento; <i>Giras</i> , ca- beça. D'onde — <i>Achan</i> — <i>Kari</i> em quichúa.
<i>Paya</i> , pai.....	<i>Pá</i> , pai.
<i>Ara</i> , sol, dia .....	<i>Ari</i> , primeiro, excellento.
<i>Coaracy</i> , sol... ..	A mesma raiz.
<i>Tapacori</i> , liga vermelha...	{ <i>Tap</i> , fogo, vermelhidão e <i>Hi- ranau</i> , fios de ouro; d'onde <i>Za- ranau</i> em zend e <i>Kokori</i> em qui- chúa.
<i>Yara</i> ou <i>Ygura</i> , canoa... ..	{ <i>Ya</i> , agoa, corrente e a raiz d'onde <i>uatis</i> em latim.
<i>Taba</i> , aldeia, casa.. ..	{ <i>Tap</i> , <i>táp</i> , calor; em quichúa. <i>Tapá</i> , ninho. (7)

Era bem possível multiplicar estes exemplos, tomados ao acaso, e decidir-me pela these do *aryanismo* das linguas americanas. Mas são cousas que nada provam, alem do facto da uniformidade das leis que presidiram ao desenvolvimento do espirito humano por toda a parte. Por aquelle methodo, fóra facil provar o parentesco de todas as linguas do mundo. Para aquillo não é necessaria a descenden-

(7) *Glossaria Linguarum Brasiliensium*, Voertersammlung Brasilianischer Sprachen von Dr. Carl—Friedr. von Martius; Erlangen—1868; *Les Races Aryennes du Pérou* par V. F. Lópes—Paris—1871.

cia dos selvagens patrios das nações indo-européas, nem, tão pouco, um crusamento qualquer com ellas.

Protestam á favor desta ideia as qualidades moraes do caboclo brasileiro, ou sua psychologia, e suas qualidades anatomicas e physiologicas tão desaccordes das dos povos a que os querem referir. Entre outros factos, basta lembrar seu desconhecimento do bronze, do pequeno cyclo do tempo---a *semana*, e a falta de animaes domesticos, dados todos estes de posse dos Aryás muitos seculos antes de sua *dispersão* pela terra! Mas nem é preciso sahir do terreno da philologia para provar a disparidade do *tupi* com os idiomas a que se o pretende filiar; ahi está a sua *grammatica* como prova severa de sua independencia.

Este signal tem todo o peso. « C'est que chaque langue est emprisonnée une fois pour toutes dans sa *grammaire*; elle peut acquerir, par suite des temps, plus de grace, d'élégance et de douceur; mais ses qualités *distinctives*, son principe vital, son ame, si j'ose le dire, apparaient tout d'abord complètement fixés. (8)

Algumas semelhanças puramente etymologicas, tomadas ao dictionario, não são sufficientes para provar o parentesco das linguas; antes de tudo está a *grammatica*. Ouçamos ainda o mesmo escriptor, fallando dos meros encontros: « La plupart tombent sur des racines dont la ressemblance s'explique, soit par l'onomatopée, soit par des raisons tirées de la nature même de l'idée.» (9)

No que digo refiro-me particularmente ao *tupi* e ao *guarani*, deixando de apontar o que mais de perto se dirige ao *quichúa* e ao *quichêe*, que consti-

(8) *Histoire Générale des Langues Semitiques* par Ernest Renan pag. 470.

(9) *Idem* *ibid.* pag. 447.—Recommendo todo este capitulo da obra citada aos amigos das *identidades* das linguas as mais desaccordes.

tuem dous problemas mais caprichosos e especiaes dos estudos americanos. Não é que ache provadas as emigrações de Aryas imaginadas por Fidel Lopes e Brasseur; é que não fazem o objecto deste estudo.

Acho um pouco exquisito que o Sr. Dr. Couto de Magalhães, que abraça tão completamente as *theorias novissimas* sobre certas linguas do continente, não houvesse acceito, e mais facilmente, as affirmativas historicas do auctor platino, ellas que são mais bem firmadas do que as doutrinas philologicas que as acompanham.

E' n'um erro historico que se manifesta bem onde se acham as raizes da repugnancia que mostra em admittir que os vestigios dos suppostos *crusamentos com o branco* existentes nos actuaes selvagens brasileiros fossem provindos dos chamados aryanos do Perú. E' porque acredita que a historia do imperio civilisado daquelle paiz abrangia o diminuto periodo de 400 annos!

E' o erro de Garcilazo refutado victoriosamente pelo illustre F. Lopes, estribado em Montesinos, que tem muito mais peso do que o inexacto *chronista*.

O Sr. Dr. Couto sabe bem que os Incas eram somente chefes dos Quichuas e não uma nação; todavia, não se eximio de escrever o seguinte: « O *crusamento* pelos *Incas* é um facto comparativamente recente. Com effeito, os historiadores são *accordes* em dizer que a historia dos reis do Perú abrangia um periodo de 400 annos antes da descoberta da America.

Laet um dos mais graves e antigos diz-nos que Manco-Capac, o *fundador da dynastia dos Incas*, veio 400 annos antes da descoberta da America. »

Não esperava ler este periodo no livro do distincto ethnologo, e muito menos em uma pagina em que cita a Fidel Lopes!

Repetir o erro de Laet, que é quasi o mesmo de Garcilazo, é sorprendente da parte de quem deys es-

tar informado de que uma grande civilisação não se improvisa em 400 annos. Medite bem o escriptor o capitulo das *Races Aryennes du Perou* que se intitula--- *Rétablissement des Dynasties péruviennes*--- e veja o que nos diz deste pedaço: « ... la légende elle même n'osa pas lier l'histoire des Incas á celle des anciennes dynasties, jusqu'á Garcilazo, qui, en Espagne, altéra la tradition entière, lia *Sinchi-Roka* avec *Manko-Kapak*, le deuxième *Pirhua*, et supprima d'un trait de plume quatre mille ans de l'histoire du Pérou.» (10)

O autor que acabo de citar considera a pretensão de explicar a civilisação peruana só com ós Incas, a ultima dynastia, como o explicar a civilisação européa só com Carlos Magno, sem metter em linha de conta Roma, a Grecia e o Oriente!

O Sr. Dr. Magalhães entende que as raças civilisadas do Perú foram para lá *com os Incas* 400 annos antes da descoberta da America, e que Manco-Capac, muito anterior, foi o seu primeiro chefe! Onde ficam a dynastia extensissima dos *Pirhuas*, que reinaram na epocha chamada a *antiguidade peruana*, e a dos *Antautas*, que ficaram na sua *idade media*! Depois é que vieram os *Incas* nos tempos ditos *modernos*.

Já se vê porque é que elle considera os *brancos*, que crusaram com as raças selvagens brasileiras, anteriores aos *Quichuas* com seus *Incas*... Sem duvida, si aquelles cá vieram deviam ter sido muito anteriores aos *Incas*, ultima dynastia peruana; mas não haviam de o ser aos ditos *aryanos*, que, desde epochas altamente immemoraes, se estabeleceram, conforme nos affirmam, naquella parte da America.

## II

Para a explicação do estado particular de atra-

zo em que permaneceu, até á descoberta do Brazil, e depois della, o nosso selvagem, devera ser tida em conta a sua posição entre as outras populações indianas do continente. Mas cumpre notar a falta de documentos *positivos* que nos tivessem restado de todas ellas. As raças indigenas da America não poderão jamais ter uma historia; não escreviam, e os poucos monumentos do Perú, do Mexico e de Guatemala são insufficientes para tal desideratum. (11) As asserções dos sabios são meras conjecturas. Nem o phenomeno é estranhavel. O que sabe de positivo a sciencia européa sobre a historia das populações celticas antes de Julio Cesar? (12) Ainda mais, o que de definitivamente determinado conta a sciencia contemporanea sobre velhas populações altamente cultas, como as do Egypto por exemplo? Hypotheses mais ou menos bem fundadas e nada mais. Reconhece-lhes alguma cousa capaz de provar um certo gráo de adiantamento; historia propriamente tal não existe. Basta lembrar os exaggeros de Hamilton, sobre a patria dos Pharaós, que arrancaram de um sério espirito a seguinte exclamação: « It is a shame that such nonsense should be written in the nineteenth century! »

As differentes theorias explicativas da origem e do desenvolvimento das raças americanas estão bem longe de ter um apoio serio da sciencia. Até a sua classificação é ainda incompleta por mais de uma face. E' inexcedivel como prova de vacillação, tambem para os que mais se têm empenhado no estudo do problema, a maneira por que explicam a genese das ideias indianas. Os philologos, em geral, imbuidos da justeza das vistas que lhes fornece o estudo comparativo das linguas asiaticas, maxime as indo-

(11) Max Muller, *La Science de la Religion*, pag. 53 e 54.

(12) Bra-chét, *Grammaire Historique de la langue française*, pags. 34 e 35.

germanicas, estudo que tem por base tambem a historia, aventuram-se a explicar semelhantemente as linguas americanas. Quando o digo, não quero taxar de absurdo o emprego do mesmo methodo ás linguas do nosso continente, longe dahi: refiro-me á ideia preconcebida de encontrar aqui na America justamente os mesmos tres typos de linguagem, que é costume deparar na Asia.

A classificação das linguas desta região em *aryanas*, *semiticas* e *turanas*, devida a Müller, vai passando por materia firmemente estabelecida. Não o é tanto pelo que se diz do grupo das turanas, que E. Renan, competente no assumpto, denomina *engenhosa hypothese* do linguista allemão. (13)

Admittidas as tres grandes ramificações da linguagem, cumpre observar que ellas correspondem a outras tantas ordens de idéas tambem distinctas na esphera religiosa, politica, artistica, economica... A philologia não deve esquecel-o; sempre que quizer, sem prova sufficiente, applicar a *triade* asiatica ao resto do mundo, no empenho de ver reproduzidas as exactidões de seus achados por lá, corre o perigo de falsificar a sciencia. E' o que vai fazendo em larga escala para a America.

Para certa classe de escriptores, com toda a segurança, nem mais, nem menos, as velhas populações do continente são *arianas*, *turanas*, e ha tambem quem nos falle de cruzamentos *semiticos* como cousa bem provavel.

A filiação dos povos de cada um dos grupos daquelles idiomas asiatico-europeus tem uma base, além da linguistica, na historia. Não assim na America, onde falta este elemento do moderno methodo.

(13) *Histoire Générale des Langues Sémitiques*, page. 498 e 494 e A. Ed. Chaignet—*La Philosophie de la Science du Langage*.

E' presumivel que, entre si cotejadas, as religiões, as idéas, as linguas das differentes tribus do Novo Mundo devam ser classificadas em grupos distinctos, que até certo ponto pareçam ter um parentesco com as do antigo continente. Não está elle positivamente provado. Uma cousa deve aqui ser dita para explicar as differenças das familias americanas, entre si, não é mister sómente procurar-lhes uma paternidade algures; é preciso observar tambem que as dessemelhanças podem ter sua raiz na simples *physica* das regiões que habitaram.—De igual sorte, as similitudes, que de longe em longe mostrarem com as populações do velho mundo, podem ser filhas disso a que chamam os allemães o *factor humano*, aquillo que constitue o fundo mesmo da especie.—Ha quem recorra ao principio da *raça*, para explicar as differenças de civilisações e doutrinas; em uma palavra, para dar o motivo de todas as variedades que apresenta o pensamento humano nos periodos primitivos da historia e depois delles.

E' uma theoria nascida com o romantismo e levada aos ultimos assentos do exaggero. A explicação carece de prova. A lei invocada, como demonstração sufficiente, pede tambem uma razão que a explique.

E' necessario um principio superior que, dando o motivo das dessemelhanças da religião, das idéas, da vida em summa, contenha a prova da multiplicidade das raças.—Esta lei são as leis mesmas que a cosmographia descobre no mundo, a geologia na terra, e a anthropologia no homem.

A historia, a linguistica e a philosophia devem ser precedidas pelas sciencias *physicas* e *naturaes*, aconsellam os competentes, sinão é sempre certo que desnaturam as idéas sans sobre a humanidade.

Duas são as maneiras, mais espalhadas, de mostrar a origem das ideas e povos americanos; a



de uma filiação com os asiaticos e a de um producto espontaneo do continente. (14)

Este ultimo methodo não é destituido de peso, depois que Buckle explicou as civilisações do Mexico e do Perú, do mesmo modo por que determinou as do Egypto e da India, como *productos naturaes*. Os philosophos imbuidos das vistas de Darwin vão achar as inspirações dos povos primitivos na *physica* dos paizes que habitaram, e até nestes a sua origem.

E' a ideia que tende a predominar. (15)

Os dous systemas de provas têm a seu favor bem ponderadas razões; mas, tomados em absoluto e exclusivamente, offerecem mais de um embaraço. Si é certo, de um lado, que se pode acceitar a probabilidade de uma transmigração pela chamada ponte *abentica*, e que se notam encontros entre as linguas e ideias das tribus americanas e as de alguns povos da Asia, não o é menos a falta das mesmas tendencias e, sobretudo, dos mesmos resultados.

Os povos americanos, quer os inteiramente selvagens, quer os meios civilizados, seguiram uma evolução totalmente desaccorde com a dos seus suppostos irmãos do velho mundo. Os nossos ditos *aryanos* quanto distam dos de lá, e os *turanos* tambem!

Acima de outros argumentos, que seria possivel produzir, basta lembrar o facto, já ponderado, do desuso pelos selvagens americanos do brouze, ao passo que os povos d'Asia, desde epochas as mais afastadas o empregavam. Muito antes da separação dos

(14) Sobre outros systemas de explicação veja-se—E. Dalry—*Sur Les Races Indigènes et Sur l'Archeologie du Mexique*.

(15) Vide W. Draper *History of the intellectual development of Europe*; H. T. Buckle. *History of Civilization in England*; W. Bagehot.—*Physics and Politics; or Thoughts on the application of the principles of natural selection and inheritance to political society*.

aryas, elles e os Semitas, nos altos centros do velho mundo, o conheçam... Prova convincente de que nossos indios não foram provindos daquellas regiões.

Os *polygenistas* estribam-se em factos taes, e, de certo, não cumpre obcecar-nos por, talvez, menos estudadas apparencias. Quem não conhece os celebres *dolmens druidicos* com que a poesia tanto nos embalou, e quem não sabe que nunca foram construidos pelos sacerdotes dos celtas? Não sido encontrados na Europa toda, e até nas costas da Africa e no centro da India, O que prova esse facto? Uma lei geral:---O homem, sob as mesmas influencias de cultura, produz por toda a parte os mesmos resultados. (16) Não é necessaria uma só origem de todas as raças para explicar estas normalidades.

Por outra parte, si é verdade que as *leis naturaes* sabem dar o movel das direcções que uma civilisação tenha tomado, e é exacta a falta de certos phenomenos caracteristicos entre os povos do continente, suppostos descidos da Asia, qual a ausencia dos *animaes domesticos*, tambem já referida, communs aos povos daquelle continente, como negar a filiação de alguns linguas, talvez, e a repetição de alguns factos identicos? Sei que os estudos linguisticos da America estão bem longe de offerecer alguma cousa de analogo aos assertos scientificos de obras, como a *Grammatica comparada das linguas indo-germanicas* de Bopp ou a *Historia e systema geral das linguas semiticas* de Renan.

Os trabalhos archeologicos acham--se na mesma altura. No estado actual da sciencia, porém, é arriscado contestar no todo o facto das descendencia-da Asia, que conta tantos defensores e affirmações tão cathgoricas, como esta: "--- we now know that

(16) Lenormant, *Premières Civilisations*, v. 1, pag. 79; Z. Moindron *De l'Ancienneté de l'Homme*, 2 me partie, pag. 90.

the inhabitants of the north-east of Asia have at different times passed over to the north-west of America, as in the case of the Tschutschí, who are found in both continents.» (17)

E' verdade que este caso pode não passar de um facto isolado. Ouçamos o que nos diz um dos mais francos seguidores de que o *homem americano é um producto do solo americano*: « Aujourd'hui même, les Indiens des contreés boréales communiquent bien, par exemple, avec les tribus sibériennes par le détroit de Behring, mais ne viennent jamais dans les prairies; les Indiens des prairies, quoique très nomades, et chassant sur des étendues de terrain considérables, ne descendent jamais jusque sur les plateaux mexicains; les Indiens du Mexique ne quittent non plus jamais leur sol natal, et ainsi des autres. Pourquoi donc tous ces Indiens auraient-ils autre fois tenté les migrations que l'on suppose, du détroit de Behring au détroit de Magellan? » (18)

Em todo o caso, quer se supponha uma só origem para toda humanidade, quer se considere que a *especie* appareceu espontaneamente em varios pontos da terra, eu julgo que os dous systemas relativos á America de que tenho fallado não se excluem, antes devem caminhar unidos.

Aqui, como algures, deve distinguir-se a epocha das primeiras aparições do homem, nocturna, impenetravel, do tempo das transmigrações mais positivo e melhor esclarecido. Na historia dos povos os mais antigos, tão longe quanto é dado remontar no dominio de suas tradições e conjecturas, sempre acha-se uma população primitiva, *autochthone*, occupando as religiões para onde as suas marchas os conduziam. Este facto perdeu toda a possibilidade de

(17) Buckle, *History of Civilization in England*, v 1.º pag. 99.

(18) *L'Homme-Américain*, par L. Simonin, pag. 11.

ser posto em duvida pelo estudo das emigrações dos Cuschito-Semitas e dos Aryanos do antigo centro em que viveram, provavelmente unidos, no platô de Pamir para o occidente e sul da Asia e para a Europa.

E' esta lei:--- sempre a presença de ignota população, qualquer que possa ter sido o concurso posterior de novas raças.

Na alta antiguidade do Velho Mundo, tão longe quanto é dado apreciar---a, sempre as nações emigrantes encontraram mais velhos habitantes nos paizes para onde se derigiam. Causa semelhante parece ir-se determinando para a America; tão alto quanto sobe o pensamento nas antiguidades de Aztéques e Quichuas, sempre se deparam vestigios de uma raça anterior no Mexico e no Perú.

Para os povos selvagens dos Estados-Unidos o facto guarda a sua veracidade; são conhecidos os achados de Squier e Davis sobre os documentos pré-historicos do territorio da grande Republica, dando avisos de uma população que devéra ser diversa das existentes no tempo da descoberta.

Acham-se, pois, largamente mesclados os povos de todas as regiões do globo, desde dactas extremamente remotas, para ser ainda possivel o emprego de um meio exclusivo na determinação dos moveis de suas ideias, e do problema de sua origem.

Na incerteza em que laboramos sobre as antiguidades americanas, é necessario, por alguns symptomas, admittir a existencia de uma população *originaria* do continente no periodo do homem geologico, transmigrações do Velho Mundo em epochas posteriores, e, finalmente, algumas transmutações das tribus americanas entre si. (19)

A' luz destas idéas, que denunciam a incerteza dos estudos ethnographicos do velho mundo e a sua

(19) *Types of Mankind*—by J. C. Nott, and Geo. R. Gliddon. pag. 293.

crescente obscuridade para o novo continente e para o Brasil, deve ser apreciada a monographia do Sr. Dr. Douto de Magalhães.

### III

O nosso illustre viajante não tirou a limpo aquelles factos; nem o podia.---E' evidente a falsa segurança de que se acha possuido sobre o objecto de seu livro.---O capitulo em que trata dos idiomas americanos o demonstra de sobejo; o escriptor gasta duas laudas em repetir umas ideias de Müller, já ultrapassado, sobre a classificação *morphologica* das linguas. Note-se que das duas clássições apresentadas por este celebre professor, essa é justamente a que vinha menos ao caso na monographia do compatriota.

E' sabido, e elle o reconhece, que a simples apreciação *morphologica* não adianta para a filiação das linguas, quando é certo que idiomas de natureza intrinseca differente podem pertencer a um mesmo grupo e vice-versa.

As linguas semiticas e as aryanaes, tão distinctas por sua grammatica e construcção intima, entroncam-se no grupo dos idiomas de *flexão*.

Por outro lado, o chinez, que o philologo allemão suppõe ser o laço que devera prender os dous grandes ramos da familia turana, é *monosyllabico*, quando a elasse a que pertence é *agglutinante*. São idéias na posse de todos hodiernamente.

Em um livro em que se procuram achar as relações de descendencia das raças e das linguas americanas, é claro que a divisão dos idiomas em *monosyllabicos*, *agglutinantes* e de *flexão* pouco tinha que ver, uma vez que o seu nobre auctor, buscando um alvo a que ella não se presta, não pode aproveitá-la para mais nada.

Eil-o que nos diz : «quando a anthropologia estiver mais adiantada, a linguistica, sua filha primogênita, ha de fixar regras de uma classificação mais profunda das linguas.... que ha de auxiliar a classificação da familia humana.»

Não duvido que o progresso almejado pelo escriptor venha a ter lugar um dia; mas o que lhe não era licito esquecer era a classificação já existente dos idiomas em *aryanos*, *semiticos* e *turanos*. Sem duvida o nobre socio do Instituto Historico refere algumas vezes estas expressões; mas não tratou dessa theoria pela luz que della poderia tirar para o seu alvo.

Sua linguagem guarda uma certa cor obscura, aliás desculpavel nos escriptores que tractam de materias pouco firmes, e onde a confiança não pode ser perfeita. E, todavia, o nosso autor se expressa, ás vezes, com uma segurança que certamente não lhe assiste. Ponderando que a morphologia das linguas não é sufficiente para determinar-lhes o parentesco, assim se ex-be : «... o facto de classificar-se o tupi e o guarani no grupo das linguas turanas não quer dizer que elle tenha o menor gráo de parentesco com as linguas aziaticas.» Concedido; quanto á argumentos tirados da simples apreciação morphologica; mas qualquer tem o direito de perguntar:--- será certo que absolutamente, por qualquer outra face entre o tupi e as linguas turanas não exista affinidade alguma?

O philologo brasileiro falla categoricamente; onde os motivos de tamanha convicção?

As linguas *semiticas* são com as *aryanas* de flexão; são os dous grupos perfeitamente distinctos; mas, entre si e em cada classe, as linguas de cada um dos dous grupos não serão no todo parentas?

Ainda uma vez: quaes as razões do indianologo nacional para dizer-nos que o tupi não tem parentesco algum com o mongolio, o manthchu, o thibetano.... porque? A philologia não o tirou completamente a limpo, e

não serão phrases improvasdas que o decidirão certamente.

O livro de que dou conta não mostra qual a doutrina de seu autor sobre a genese dos povos americanos; elle não declarou-se pelo *indigenismo* das raças do Continente, nem por sua *descendencia* da Asia. Ainda mais, não aventou sequer essa questão; entretanto, de longe em longe, as paginas de sua *Memoria* dão--nos fragmentos de um ar um pouco absoluto.--- Percebe-se, de prompto, que o distincto autor tem alguma idéa preconcebida que não dilucidou em seu escripto, e que, por vezes, irrompe e se derrama sobre o seu papel.--- Como que elle se acha nas condições prescriptas pelo sabio italiano: «Quando un sistema d'idee conquide la mente, questa corre il pericolo di perdere la sua libertà relativa e di muoversi mai sempre in un' orbita da altri prescritta. »(20)

Toco ao ponto mais interessante do *Ensaio de Anthropologia*, o capitulo que se inscreve---*O homem no Brazil*.

O autor diz-nos com a maior convicção: «é facto fóra de duvida que nossos selvagens eram já agricultores muitos annos antes da descoberta da America.»

Eis o caboclo brasileiro atrasadissimo, sem monumentos, sem industria assignalavel, de posse da agricultura sem ter sido aqui pastor, lacuna que o ethnologo explica pelo facto de ter elle atravessado aquelle estadio algures.

São estas as suas palavras confirmadoras deste ultimo acontecimento: «Não ha o menor vestigio que esses homens tenham sido pastores, nem mesmo que tenham domesticado especie alguma zoologica brasileira.» Mais adiante: «Essa raça já tinha vivido em

(20) Nicola Marselli.—*La Scienza della storia*, v. 1. pag. 397.

outra região o tempo necessario para transpor os primeiros periodos de barbaria, »

E' notavel! Os membros do Instituto Historico deram neste ponto prova de alguma reluctancia, mas não foram mais bem avisados. Aceitaram erroneamente que os nossos selvagens fossem já agricultores, apontando como motivo da *lacuna* o não ter a região que habitavam *animas* proprios á domesticação. O proprio Sr. Dr. Couto respondeu-lhes com vantagem, re conhecendo, todavia, que a objecção era séria! .. Para elle a cousa não é porque os *animas* não existissem; sim, porque o estadio fóra em outras paragens atravessado. Admira como o anthropologista olvidou-se tanto de uma lei geralmente reconhecida: --- Sempre as populações emigrantes levam consigo as suas industrias, e entre ellas os seus *animas* domesticos.

Importa um desconhecimento completo o abandono deste principio, que não póde admittir contestação. Entre os arianos e semitas quem ha que ignore a generalidade do facto da posse dos mesmos *animas* domesticados?

Não vio o nosso autor que, si os selvagens do Brazil houvessem em outra parte passado pelo periodo pastoril, teriam para sua nova residencia trazido os achados de uma tal evolução? Pois que!

Na viagem ter--se-hiam esquecido de seu adiantamento? Não é possível.

Para o conhecimento exacto da posição das populações primitivas e selvagens, em diferentes estados, é necessario consultar mais de uma sciencia. E' preciso encaral-as pelo lado *psychologico*, além do exterior. As diferentes sciencias dão-nos variadas classificações de periodos porque o homem tem passado, segundo o ponto de vista em que se collocam.---A philosophia estabelece os tres grandes estados---theologico, metaphysico, e positivo; a critica religiosa, que abrange um espaço muito mais limitado, subdivide aquelle



primeiro em outras tres epochas---a do naturalismo, a anthropomorphica e a monotheica; a historia industrial dá as idades do homem caçador, pastor e agricultor; a sciencia do homem primitivo, mais limitada ainda, a idade da pedra e a dos metaes.

De todas estas classificações o nosso gentio occupa sempre a primeira phase, segundo os testemunhos mais bem fundados.

--- O Sr. Dr. Couto, sem prova bastante, nol-o dá no terceiro estadio da terceira classificacão. Elle proprio encarregou-se, porém, de refutar-se quando nos diz que ainda hoje, depois de quatro seculos, o indio e seu descendente são o vaqueiro por excellencia de toda America do Sul! Eis ahi; depois de um tempo tão consideravel é que o descendente do caboclo é pastor! Prova-o o Sr. Dr. Magalhães, quando falla deste modo: »...elles (os americanos da Republica do norte) não podiam applicar o braço indigena senão na agricultura ou nas fabricas; o indigena não se podia prestar a isso, porque por uma lei traçada pela mão de Deus, e a que o branco esteve, e está sujeito tambem, elle *não podia ser agricultor sem ter sido pastor e caçador.*» (21)

Para o ethnologo não é mistér uma refutacão mais severa do que esta :--- basta citar as suas perplexidades, sinão as suas contradicções.

Elle que proclama que o selvagem conterraneo era agricultor, como explica a ausencia de animaes domesticos, quando não indigenas do paiz, ao menos das regiões em que passaram pela phase anterior?

Si vieram do Perú, por exemplo, porque não trouxeram a lhama, a vicunha e o guanaco?

O digno viajante pode dizer-nos com algum mysterio: » não era por uma aversão á arte de domesticar, e sim por outra causa!! »

Qual é esta?

O selvagem patrio, por sua posição quasi excepcional entre os povos americanos, é uma opportunidade para estudar ao vivo as primeiras evoluções das idéas no homem.

O selvagem, segundo Lubbock, é como o homem pre-historico.

O nosso autor devia ser tambem philosopho e não mostrar-se um simples curioso a traçar-nos *bibliographias* escusadas e a repisar-nos noções *linguisticas e geologicas* hoje possuidas por todos os espiritos de qualquer cultura! Porque, deixando o lado meramente industrial e exterior do caboclo, não penetrou-lhe no amago das idéas, e relevou-nos alguma coisa de extraordinario?

Suas asserções são ligeirissimas e sente-se que elle se acha fóra dos assumptos de sua predilecção. Ainda assim, deu-nos este pedacinho, hoje vulgar, mas de uma verdade aproveitavel: « a idéa de um Deus todo poderoso e unico não foi possuida pelos nossos selvagens ao tempo da descoberta da America. » Isto é bom; accorda-se com as idéas da critica hodierna sobre a marcha evolucional do pensamento humano. O poeta Gonçalves de Magalhães tinha dado, ha poucos annos, o exemplo de escrever uma pagina extravagante neste assumpto, em um seu livro de supposta philosophia. O autor dos *Factos do Espirito humano* pretendeu refutar um dito de Locke de que nossos indios não possuíam a idéa de Deus, e superabundou á proposito da theologia dos selvagens! São elles para o philosopho uns beatos por excellencia.

E' que aquelle espirito, acabrunhado por uma educação romatico-theologica, desconhece totalmenté os dados da sciencia livre sobre o homem nos periodos primitivos. Seja-me dado repetir aqui o que já tinha dito em outra parte, ha quatro annos:

«Os selvagens de nosso paiz estavam no gráo de atrazo do homem geologico, o homem da idade de pe-

dra. Não podiam ter uma religião que reconhecesse um Ser-Supremo. O contrario é desdenhar ou desconhecer os achados da critica moderna que assignala os differentes periodos da formação das mythologias, das religiões e da poesia. Umás tribus desgarradas pelos desertos e mattas, vivendo da caça e guerreando-se e outras reunidas em pauperimas palhoças sem a menor industria assignalavel, usando da pedra para utensilios como o homem das cavernas, sem tradições, sem heroes, sem historia, não podiam possuir a noção da individualidade do Ser Superior, como não podiam ter uma poesia. Estavam pouco alem da epocha de puro naturalismo em que o terror faz crêr que as nuvens, os trovões (*tupan*), as tempestades são seres terriveis que se combatem, entidades ferozes que se devem respeitar. »

A grei cabocla, encarada por todas as faces porque pôde sel-o pela sciencia, á luz de idéas sans e longe do influxo de caducos prejuizos, achava-se em um dos mais remotos degrãos da escala da civilização.

Caçador, ainda hoje no seu descendente, nem siquer estava adiante daquella segunda phase do periodo fethixico---a idade da *astrolatria* de que falla Comte. (22)

Prova-o o seu culto do sol e da lua, *guaracy e jacy*, ainda um pouco indeciso, é verdade.

E' licito dizer que já havia passado a epocha do mais fluctuante naturalismo.

Demonstra-o o complexo de sua intuição do mundo accorde com a dos povos ainda no mesmo estado, um dos mais reconditos da historia onde é dado penetrar. Não cumpresómente dizer, como fez Sr. Dr. Couto, que o selvagem não fôra *monotheista*; é mister mostrar o que elle tinha sido.

E' claro que não era ainda *polytheista* como, talvez, supponha o insigne indianologo.

(22) *Cours de Philosophie Positive*, vol. 5. me.

Antes de concluir, podera pegar o fio de algumas idéas inacceptaveis que se deparam na obra do nobre ex-presidente, taes como o voto de uma continuação de cultivo indiano pelo orgão de nossa poesia. Não o farei para não deturpar a intenção de vistas geraes sobre o indigena, que me propuz, deixando á margem tudo aquillo que parece secundario diante das linhas directas que teve tambem em vista o illustre observador.

Dezembro de 1874.

*Sim*

## APPENDICE



### O caracter nacional e as origens do povo brasileiro

Ha dous grandes motores que podem pesar fortemente na feitura de um caracter nacional: a natureza e a agglomeração de populações distinctas.

Os povos modificam-se pela natureza que os cercã; mas para isto são necessarios muitos seculos.

As velhas populações, que, ainda barbaras, no periodo primitivo da historia, ou antes d'elle, emigraram dos centros em que outr'ora se achavam, e assentaram-se em regiões differentes, viram-se pouco a pouco alterar por ellas.

Basta lembrar o immenso fraccionamento da grande raça dos Aryas para a India, para a Persia, para a Grecia, para a Italia, para o Norte da Europa...

As primeiras emigrações seguiram-se outras; elementos diversos foram dando mais vigor á geração que surgia da mistura; os seculos passaram, e as varias porções de uma mesma familia tomaram

differentes inclinações, e sob o influxo de ideias diversas, oriundas da natureza que as cercava, crearam civilizações distintas.

Isto não se deu com a população brasileira.--- Somos um povo moderno oriundo de outros também comparativamente novo e civilizado. Os portugueses trouxeram para a sua vasta colônia sua língua adiantada, que ia contar Camões, sua religião que os apologistas apontam como a mais fecunda auctora da civilização européa, e suas instituições já maduras.

Nossos progenitores estavam n'um período brilhante de sua historia. Na ordem politica era uma epoca de fulgor; nas lettras o brilho também refulgia. Os conquistadores, direi melhor, os colonisadores trouxeram á terra americana suas tradições de grandeza, seus costumes polidos. Na altura em que se achavam não seriam tres seculos que os fariam mudar de rumo.

A historia falla, porem, na degradação dos primeiros germens do povo brasileiro... Por mais descidos que fossem na escala social e moral os primeiros européus que aqui se estabeleceram, eram, todavia, bastante civilizados para esquecerem no andar de tão diminuto tempo os velhos principios radicados em sua alma por uma educação adiantada.

Os seus descendentes não poderam, pois, apparecer mudados, diversos, da origem de que dimanavam.

O tempo não deu ainda largas á natureza para uma transformação, que também bastante difficultará uma civilização já firmada.

A raça selvagem foi, por outro lado, muito impotente para o trabalho de que fallo.

Os historiadores brasileiros tem-se descuidado de delinear profundamente as origens de nossa po-

pulação. (1) O que tem escripto dos indios é esteril ou erroneo. Não tracto de seu desconhecimento desculpavel das tribus selvagens primitivas e até das existentes no seculo XVI.

Lembro que ha nelles uma grande lacuna: as relações dos dous povos não estão assentadas; a parte de influencia do indio na população não está apontada. Não é tudo. Ao lê-los, affigura-se-nos na imaginação que os europeós encontraram uma vasta região povoadissima de tribus caboclas, que estavam seguramente estabelecidas e em um gráo de cultura promettedor; que muitas, ao primeiro choque de estranhos, sumiram-se na vastidão das mattas e partiram para não sei que longiquas regiões, e muitas outras foram convertidas ao christianismo e incorporadas, como escravas ou alliadas, aos bandos de

(1) Entre nos o problema historico das raças que formaram a população do paiz foi discutido com mais acrimonia do que verdade.

Gonçalves Dias na *Introducção aos Annaes de Berredo* e na memoria—*O Brazil e a Oceania* retrata a historia das luctas dos europeos e indigenas, faz a apothese destes ultimos, declara que nossa grandeza é a delles, que nossa vida de agora deve ser a reabilitação da tñpi!! O Sr. Gonçalves de Magalhães na memoria—*Os Indigenas do Brasil perante a Historia* toma identica direcção.

Foram sympathias de poetas que uma critica mais exacta devia corregir..

O Sr. Adolpho Varnagen na *Historia Geral do Brazil* deifica o portuguez e diz inexactidões bem graves sobre os indios, que, ainda hoje, a seu ver, devem ser levados pela guerra à escravidão.

Francisco Lisboa nos *Apontamentos para a Historia do Maranhão* corrige os sonhos de G. Dias e as aberrações do Sr. Varnagen. E' que o prosador maranhense teve em gráo mais subido do que os outros o sentimento da historia, que em suas mãos mostra-nos o desaparecimento do caboclo, sua pouca influencia na população actual e a victoria do portuguez certa, porém manchada de atrocidades.

aventureiros que a Europa nos mandava... Tudo ahi é vasto da vastidão dos preconceitos.

O erro é manifesto.

Por mais exactas que lhes pareçam as primeiras narrações de imaginosos chronistas sobre o numero-so e adiantado da população tapuia, os factos as desmentem.

Esqueceu-lhes que os selvagens de nosso paiz estavam no gráo de atrazo do homem geologico, o homem da idade de pedra, não podendo ser muito numerosos. Esqueceu-lhes que não podiam ter uma religião, que reconhecesse um Ser-Supremo; tão pouco uma poesia, como assoalham.

O contrario é desdenhar ou desconhecer os achados da critica moderna, que assignala os diferentes periodos da formação das mythologias, das religiões e da poesia.

Umás tribus desgarradas pelos desertos e mat-tas, vivendo da caça e guerreando-se, e outras reunidas em pauperrimas palhoças, sem a menor industria assignalavel, usando da pedra para utensilios como o homem das cavernas, sem tradições, sem heróes, sem historia, não podiam possuir a noção da individualidade do Ser-Superior, como não podiam ter uma poesia.

Estavam pouco além da epoca de puro naturalismo em que o terror faz crer o que as nuvens, os trovões (*tupan*), as tempestades são seres terriveis que se combatem, entidades ferosas, que se devem respeitar. Então o homem é bastante selvagem para crear uma poesia. Só nos periodos seguintes: no em que os deuzes estão quasi n'altura de heróes, e os heróes n'altura de deuzes, tempo do anthropomorphismo e da apotheose, e no da concepção de um Ser-Superior, é ella possível.

E' evidente que o caboclo não estava nos dous derradeiros casos. Fôra-lhe necessario possuir, no



ultimo, um notavel apêrfeçoamento na esphera das ideias, e, no primeiro, uma mythologia completa e variada, e uma tradição fecunda com seus heroés.

Esqueceu-lhes que o quasi nada de recordações que deixaram os aborigenes prova a sua selvageria, como seus poucos vestigios na população demonstram o erro quanto ao seu numero.

E' um factó estranho na historia o de um grande povo senhor de uma vasta região, que, em menos de quatro seculos, desaparece sem deixar vestigios sérios de sua estada, e mais estranho ainda é este desaparecimenio, esta morte, não nos campos de batalhas, mas no desconhecido de uma retirada phantastica!

Esqueceu-lhes, em fim, que a lingua nossa não attesta tambem impressões apreciaveis devidas ao caboclo. Fallamos o portuguez, que nossos progenitores nos legaram, com poucas alterações não oriundas dos dialectos selvagens.

Emigrações da lingua tupi não no vieram perturbar. Nem, certamente, os nomes proprios de familias mostram muitas palavras daquella origem.

Existem apenas algumas denominando poucas de nossas montanhas, varios de nossos rios, e em plantas e animaes.

Os bandos de *africanos* de origens diversas que concorreram directamente para avuitar esta nação tiveram, para isto, mais vigor do que os indios.

Existem em massa n'uma porção de descendentes seus, existem entrelaçados com os europeos no typo variadissimo do mestiço, e existem natos de seu ardente paiz.

Ha a mesma lacuna dos historiadores para com o preto, certamente mais seria, pois influio elle muito mais na estrutura de nosso character do que o seu concorrente tapuio.

O que quer que notardes de diverso entre o bra-

sileiro e seu ascendente europeu attribuil-o em sua maxima parte ao preto. Sob o imperio até hoje, da legislação civil portugueza, o caracter nacional não pode contar outro agente que mais se estampasse em sua moldura.

Raros e diminutos foram os primeiros bandos de colonisadores. Ignorantes, ao lado do caboclo e mais tarde do africano, ainda mais ignorantes do que elles, protrahiram por tres seculos n'um estado de atraso intellectual e de acanhamento de progresso material a colonia portugueza que só nos fins do seculo passado tinha de mostrar alguma florescencia sob o influxo de um regimen mais sabio. Fôra então que poderam ser lançadas as primeiras e fragilissimas bases de nossas letras.

Procurae nos seculos XVI e XVII manifestações serias da intelligencia colonial e as não achareis. A totalidade da população, sem saber, sem grandesas, sem glorias, nem, siquer, estava n'esse periodo de barbara fecundidade em que os povos intelligentes amalgamam os elementos das suas vastas epopéas.

Procurae, portanto, uma poesia popular brasileira, que de longe mereça este nome, n'aquella epoca, e, como ainda hoje, correreis atraz do absurdo. (2)

(2) Não suppunha, quando, ha quasi cinco annos, assim me expressava, que viesse á ler um dia o escripto do Sr. conselheiro J. d'Alencar intitulado:—*O nosso Cancioneiro*. Qualquer que tenha sido a fonte inspiradora d'aquella tão malcunhada peça, parece que o digno escriptor cedeu á influencia da producção—*A Poesia Popular Brasileira*—que o Sr. Dr. Celso de Magalhães, quando academico, publicou no periodico—*O Trabalho*—n'esta cidade em 1873. O escripto do nobre conselheiro, que é muito inferior ao do moço estudante, abunda em singularidades que merecem justa punição.

O insigne romancista, que não tem o senso da historia, e, muito menos, sabe cousa alguma de serio em linguistica

Os pobres vassallos da corôa portugueza não tinham tradições; eram um como fragmento do pobre edificio da metropole atirado em o Novo-Mundo onde cahio aos pedaços e perdeu a memoria do lugar em que servia. Só mais tarde os brasileiros puderam contar compatriotas melhores que foram os seus primeiros escriptores.

Está ainda por escrever a historia brasileira dos seculos coloniaes. Em lugar da narrativa das direcções que foram tomando as diversas camadas da população e da ordem futuras, em vez do desenho do pensamento de um povo que ia crescendo, temos o mote, sempre mal glosado, das virtudes dos *Governadores* e do numero dos *Jesuitas* que chegavam.

Tenho indicado que o brasileiro ficou um quasi retrato do portuguez. A natureza, como agente de transformações, pouco ha feito para alteral-o, tendo a lutar contra a estreiteza do tempo e contra a ci-

e mythologia, nada de merecidamente apreciavel pode produzir sobre o problema da *poesia popular*, ainda que exerça a sua analyse sobre o que elle tem de mais acanhado—*a poesia popular brasileira*. Não é este o lugar appropriado para mostrar que a cultura romantico—juidida do auctor do *Garatuja*, que pode bem ser a de um dramaturgo ou romancista, mas que está mui longe do ser nutrida pelo que a sciencia de hoje tem de mais notavel, não devia pôr o vidro de sua luneta sobre uma these que fica muito alem do circulo de seu ordinario alcance. Não é esta a occasião de mostral-o; mas creio que ella não faltará. Então indagar-se-ha da causa por que, apos cincoenta annos de romantismo dos quaes vinte e cinco pertencem ao auctor de *Viuvinha*, só agora é que se lembraram de *poesia popular* no Brasil!

Offerecida a solfa do *Boi Espacio*, segundo a versão de minha terra, ao melancholico solitario da Tijuca, que tanto a deseja, terá elle d'essa vez o seu mais perfeito *hymno a saulude*, restando apenas, aos espiritos ainda não civados da rheuma do atraso que o consome, o direito de perguntar com Hermann von Gilm:

“ Wie kann solchem wuesten Ding  
So schoenen Namen leihn? ”

vilisação européa. O caboclo, typo quasi perdido que vae se esvaecendo cada vez mais, mui fracamente contribuiu tambem neste sentido. O africano, rebelde aos progressos intellectuaes, tem alterado, sem vantagem, nossa physionomia preterita.

Do consorcio, pois, de velha população latina, beatamente atrasada, beatamente infecunda, e de selvagens africanos, estupidamente indolentes, estupidamente talhados para escravos, surgiu, na maxima parte, este povo, que se diz, que se suppõe grande, porque possui, entre outras maravilhas, «o mais bello paiz do mundo.!...»

E' necessario buscar na historia as condições de sua cultura, de sua civilisação. Indicar os elementos diversos e concurrentes que formaram seu pensamento, mostrar a marcha que seguiram, pesarlhes o valor, é bem differente do simples indagar do estado hodierno de seu lavor intellectual. Assim deverá-se assignalar por suas preteritas posições, seguindo-as passo a passo até hoje, as causas do nullo desenvolvimento de nossas lettras e da nenhuma originalidade de nosso genio.

Abril de 1871.

# ERRATA

PAGS.	LINHAS	ERROS	CORRECÇÕES
7	2	comprimento	cumprimento
12	8	ás	as
15	19	recontre	rencontre
15	20	corrompus	corrompu
15	32	nous	nons
16	35	Maxcetucler	Max-Müller
17	32	interpetrada	interpretada
17	33	estaço	estado
18	33	intitulada	intitulada
18	35	linhua	lingua
19	10	Maenduacaba	Maenduaçaba
19	33	em	eu
21	17	parsuüte	par suite
21	19	sonaame	son âme
28	1	aryas	Aryas
28	21	meios	meio
28	23	alguns	algumas
28	32	descendencia	descendencias
29	14	considorabes	considérables
29	34	religiões	regiões
30	6	quarquer	qualquer
30	11	derigiam	dirigiam
32	19	exbe	exhibe
32	26	face entre	face, entre
37	23	fethixico	fetichico
41	19	formarom	formaram
44	31	malcinada	malsinada

Na pag. 21 as palavras :--- Mas nem é preciso sahir do terreno da philologia para provar a disparidade do tupi...etc. leia-se :--- Mas nem é preciso sahir do terreno da philologia. Para provar a disparidade ...etc.



## BRASILIANA DIGITAL

### ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital – com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

**1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.** Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

**2. Atribuição.** Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

**3. Direitos do autor.** No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente ([brasiliiana@usp.br](mailto:brasiliiana@usp.br)).